



Eles contra eles

Existe a mesma intolerância na esquerda ou na direita. De um lado ou de outro, ela é a mesmíssima

EUGÊNIO BUCCI

21/12/2014 10h47



Share

Eles são prepotentes. Não suportam ser questionados. Não aceitam essa mania que os repórteres têm, de perguntar o que bem entendem. Sentem urticária. Querem incinerar um direito fundamental que você tem, o direito à informação. A qualquer custo.

São dissimulados como o diabo. Fingem que respeitam sua dignidade de saber o que quer saber – mas, no fundo, querem que você acredite neles e feche o bico. Não aceitam as eleições diretas. A não ser quando ganham. Acham que o povo não está preparado para votar. Para eles, a imprensa não informa ninguém, só inventa picuinhas para caluniá-los. Estão pelas tampas, estão por aqui, ó. Não veem a hora de acabar com essa palhaçada de jornalismo crítico, mas não contam isso a ninguém.

Estão em toda parte, mas não é fácil reconhecê-los. Olham para você e sorriem. Alguns apertam sua mão com boas maneiras e cortesia. Odeiam, abominam o debate público – no juízo deles, uma anarquia, uma balbúrdia, um desgoverno, uma confusão de estupidez e ignorância –, mas se passam por democratas. Não é possível identificá-los à primeira vista, principalmente porque eles podem integrar as tribos mais disparatadas. Podem ter todo tipo de cara, todo tipo de aparência. Eles são pobres. Eles são ricos. São católicos, são evangélicos, são ateus. São casados, são solteiros, são gays. Gostam de rock, ou de Beethoven, ou de futebol.

O mais estranho de tudo é que eles são de direita. E são de esquerda. E nisso, em ser de esquerda ou de direita, nisso são sinceros como um cachorro quando late, quando morde ou quando abana o rabo. Só escondem é que sentem nojo da imprensa – e de eleições. Podem ser diferentes em tudo, mas nisso, justamente no que mais ocultam, são todos iguais.

Aí você pergunta: mas como pode ser isso? Como pode ser que essa gente exista e seja assim tão diferente, a ponto de haver aqueles de esquerda e aqueles outros de direita – e serem todos iguais, todos a mesma coisa horrível? São perguntas difíceis, mas a resposta existe e pode ser expressa com toda a clareza. Vamos lá.

A resposta começa pela seguinte constatação: o vírus da intolerância, como o vírus da gripe ou da chatice, não escolhe suas vítimas pela cor, pelo sexo, pela religião ou pelo partido político. A alergia à liberdade alheia ataca gente de todo tipo. Não caia no conto do vigário ideológico. Existe a mesma intolerância na esquerda e na direita. De um lado ou do outro, a intolerância é a mesmíssima: uma incapacidade violenta – em todos os sentidos – de conviver com a diferença, com a imprevisibilidade humana e com a incerteza sobre o destino de cada um (principalmente o próprio).

Às vezes, só às vezes, os intolerantes dão bandeira. Aí, eles surtam. Vão a manifestações e clamam por um golpe militar. Agridem jornalistas. No mais das vezes, ficam ali bem disfarçados, com cara de normalidade. O único jeito de reconhecê-los é dando dinheiro ou poder a eles. Só assim eles se mostram, em sua fúria reacionária e em seu apego às hierarquias mais enrijecidas. Quando têm dinheiro, os intolerantes subornam jornais. Quando têm poder, fuçam os escaninhos da República até achar um jeito de vigiar editores, censurar reportagens, fechar jornais ou aprovar leis que deem ao Estado a atribuição de controlar o que os órgãos de imprensa podem ou não publicar.

É bem verdade que, no Brasil, há diferenças e estilo. Os políticos de direita acometidos de intolerância preferem usar o dinheiro (público, de preferência) para silenciar a imprensa. É uma corrupção às avessas. O erário, a pretexto de comprar espaço publicitário para anúncios de “interesse público”, entra como corruptor; o corrompido dá expediente na iniciativa privada. Os intolerantes de esquerda, que também se valem da corrupção às avessas, sonham mesmo é com a mordaza estatizada. Queriam editar, eles próprios, os jornais do Brasil inteiro. Ainda bem que não conseguem.

Fora isso, o intolerante de esquerda é igualzinho a seu par de direita. Ambos vivem se acusando de ser os maiores inimigos do Brasil. Eles vociferam contra eles. Eles da direita dizem que eles da esquerda são os culpados de tudo. E vice-versa. Nisso, ironicamente, têm toda a razão. Só nisso. Eles (uns e outros) são, juntos, os culpados dessa radicalização antidemocrática que ganha corpo no país. São o pior do Brasil. Fingem que se odeiam, mas só o que eles odeiam é a democracia.

Cuidado com eles todos. Eles e eles são contra você.